



LULA NA UFRJ
Presidente visitou Museu Nacional e garantiu recursos para a conclusão das obras de recuperação da instituição. Captação ficará a cargo do BNDES

Página 2

CRESCER O MOVIMENTO PELA REVOGAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO

Página 6



FERNANDO SOUZA

Quando a Ciência encontra a Política em prol do Brasil

> Café da manhã promovido pela AdUFRJ reuniu parlamentares fluminenses eleitos no ano passado e professores de várias áreas da universidade para estreitar laços entre a Academia e o Parlamento. **PÁGINAS 4 E 5**



FOI DADA A LARGADA PARA A REITORIA

Duas chapas estão na disputa. A Chapa 10 é formada pelos professores Roberto Medronho, titular da Faculdade de Medicina, e Cássia Turci, titular do Instituto de Química, e pertence ao campo político da atual administração central. Já a Chapa 20 é formada pelos professores Vantuil Pereira, associado do NEPP-DH, e Katya Gualter, associada da EEFD, de oposição à atual gestão. **Página 3**

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Queremos compartilhar uma rara sensação de contentamento, artigo em extinção entre os que teimam em atuar na arena sindical. Sim, estamos contentes. Na sexta-feira, 17 de março, a diretoria da AdUFRJ realizou um bem-sucedido evento, tanto pelo tamanho da audiência quanto pelo ineditismo da proposta. Oferecemos um café da manhã para parlamentares e professores no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

O encontro lotou o auditório e reuniu dois grupos sedentos de interlocutores. De um lado, docentes das mais diversas áreas ansiosos para mostrar a relevância de suas pesquisas, e assim obter apoio político e orçamentário do Parlamento. Do outro, deputados federais e estaduais interessados em entrelaçar seus mandatos com a universidade e assim, com a força da Ciência e da Cultura, robustecer suas causas.

Esse amálgama entre universidade e Parlamento é, para nós da diretoria da AdUFRJ, uma das vertentes das novas formas de luta sindical que tanto bradamos há mais de cinco anos. Não é uma luta engravada, presa aos carpetes de Brasília. É uma aliança que entende o Legislativo como espaço de disputa e os professores como agentes fundamentais de mudança social. Passa pelo Congresso — ainda que não se limite a ele — toda a discussão orçamentária da universidade e do financiamento da produção de C&T. Também está ali o embate sobre o servidor público, nossos aumentos e nossas aposentadorias.

Estamos empenhados para que o café da manhã da última sexta-feira se repita mais e mais. Já fazemos iniciativas semelhantes no Observatório do Conhecimento, e agora queremos trazer para o enfoque local essa mesma abordagem. Aproveitamos para agradecer a cada colega que doou seu tempo e disposição para dividir conosco suas expectativas e histórias naquela manhã.

A universidade é talhada nessa força, a do diálogo de saberes, e do compromisso com a transformação social, missão nobre

LEÃO ROCHA: 'BOLSAS ACADÊMICAS TERÃO NOVO VALOR DE R\$ 700'

■ O reitor Carlos Frederico Leão Rocha anunciou no Conselho Universitário desta quinta-feira (23) que todas as bolsas acadêmicas da UFRJ passarão de R\$ 400 para R\$ 700. O valor é correspondente ao das bolsas de Iniciação Científica (Pibic) do CNPq, reajustadas pelo governo Lula no mês passado. "As bolsas da UFRJ direcionadas ao Pibic já serão reajustadas imediatamente. As bolsas referentes à monitoria e à extensão só estão aguardando a autorização do orçamento suplementar", disse. "Uma vez que tenhamos a autorização, vamos pagar as bolsas em R\$ 700 retroativamente", garantiu. Apenas para as bolsas acadêmicas, o reajuste significará um aumento de custos para a UFRJ em R\$ 12 milhões ao ano, informou o pró-reitor de Finanças, Eduardo Raupp. "Exatamente por isso resolvemos aguardar a suplementação orçamentária antes de comprometer esses recursos", justificou. A sessão do Consuni também aprovou as emergências dos professores Moacir Gracindo Soares Palmeira, Elba Pinto da Silva e Djalma Mosqueira Falcão.

NA COPPE, MINISTRA LUCIANA SANTOS ANUNCIA NOVIDADES

■ Em aula magna na Coppe, a ministra de Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, anunciou algumas boas novas para a comunidade científica. Uma delas, um edital criado para celebrar o 8 de Março. "Queremos fomentar a participação de mulheres em áreas tecnológicas", justificou a ministra. O edital do CNPq, de R\$ 100 milhões, será voltado a escolas e universidades que tenham projetos de incentivo a meninas e mulheres nas ciências exatas. Outro anúncio é a criação do Centro Nacional de Vacinas, em parceria com a UFMG, para investigar doenças consideradas negligenciadas pela Organização Mundial da Saúde. "Se nós não investigarmos uma vacina para a doença de Chagas, quem desenvolverá?", questionou Luciana Santos. Outro anúncio foi o acordo de cooperação que será firmado na próxima semana entre o presidente Lula e o governo chinês para a construção de um satélite. O objetivo é dar um salto qualitativo no monitoramento do desmatamento na Amazônia.



e explicitada, por exemplo, na exposição Futuros da Baía de Guanabara, na Casa da Ciência. A importante iniciativa do Fórum de Ciência e Cultura foi inaugurada essa semana e ilustra a página 8 deste jornal.

Terminamos a edição com a Ciência e começamos com a política. A página 3 trata da eleição para reitor, marcada para os dias 25, 26 e 27 de abril. Esperamos que a campanha entre os dois candidatos seja parecida com o nosso café da manhã — fértil em propostas, e respeitosa nos debates.

Boa leitura!

Maculan
Venha para uma manhã de homenagens aos 80 anos do prof. Nelson Maculan

Dia 29/03

PROGRAMAÇÃO
8:30 Recepção & Café
9:30 Homenagem
11:30 Coquetel

Local: Auditório COPPE/CT2 - UFRJ

REALIZAÇÃO: Instituto de Matemática, Departamento de Matemática, Instituto de Física



LULA VISITA UFRJ E PROMETE RECURSOS DO MUSEU

ANA BEATRIZ MAGNO
anabiamagno@adufjr.org.br

O presidente Lula visitou o Museu Nacional nesta quinta-feira (23) e prometeu repassar os recursos para a finalização das obras da instituição, consumida por um incêndio de grandes proporções em 2018. São necessários R\$ 180 milhões para dar andamento à recuperação do acervo — 85% do acervo de 20 milhões de itens foram perdidos — e do prédio histórico da Quinta da Boa Vista. O presidente quer entregar a obra finalizada antes do fim do mandato. O modelo do investimento já foi definido. Parte dos recursos será captada pelo BNDES, via Lei Rouanet, e o valor restante será repassado pelo MEC.

O reitor da UFRJ, professor Carlos Frederico Leão Rocha, acompanhou Lula durante a visita e comemorou o repasse dos recursos. "O incêndio ocorreu há cinco anos e foi a maior tragédia da história da UFRJ", afirmou o reitor. "Devemos aos cariocas e ao Brasil a recuperação do Museu Nacional".

Lula encarregou o presidente do BNDES, Aloísio Mercadante, de captar os recursos junto à iniciativa privada. Ainda na tarde de hoje, o reitor conversou longamente com Mercadante e saiu otimista do encontro. "Mercadante prometeu se empenhar para inserção dos recursos privados", explicou o professor.

Participaram do encontro também a ex-reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho, hoje secretária de Educação Superior (SeSU) do MEC, a ministra de Gestão e Inovação em Serviços Públicos, e professora da UFRJ, Esther Dweck, o ministro da Educação, Camilo Santana, a ministra da Cultura, Margareth Menezes, a ministra de Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, além da primeira-dama Janja.

"E ainda combinei com a Janja uma visita ao premiado projeto Tem Menina no Circuito, do Instituto de Física", comemorou o reitor.

CANDIDATOS A MAGNÍFICO

> Roberto Medronho, titular da Faculdade de Medicina, é o candidato da chapa 10 "UFRJ para todos". Vantuil Pereira, associado do NEPP-DH, é o concorrente da chapa 20 "Redesenhando a UFRJ"

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Dois chapas disputam a reitoria da UFRJ. Quem vencer, comandará a universidade pelos próximos quatro anos. Entre os principais desafios, o novo reitor precisará lidar com um orçamento ainda deficitário, com infraestrutura precarizada e com políticas de permanência insuficientes para as necessidades dos estudantes. Por outro lado, a conjuntura nacional dará ao escolhido oportunidades de ampliar políticas de acesso e permanência, aumentar o orçamento da instituição e conseguir novos projetos para o ensino, pesquisa, extensão e assistência em saúde.

O professor Roberto Medronho, titular da Faculdade de Medicina, foi o primeiro a se inscrever, na manhã do

dia 21, acompanhado da vice-reitora de sua chapa, a professora Cássia Turci, titular do Instituto de Química. Reconhecido epidemiologista brasileiro, ele foi um dos principais nomes do país no combate à pandemia de covid-19.

A Chapa 10 "UFRJ para todos: Autonomia, Inclusão e Inovação" representa o campo político da atual reitoria da universidade. "Queremos uma universidade autônoma, de qualidade, gratuita", declarou o professor Roberto Medronho no momento da inscrição. "Hoje é um dia muito importante de combate ao racismo, é muito simbólico para nós. Nossa chapa é absolutamente comprometida com a luta antirracista", declarou o candidato a reitor.

A professora Cássia Turci completou: "Queremos uma UFRJ melhor, mais inclusiva. O nome 'UFRJ para todos' tem um significado muito importante para nós. Queremos incluir todos os segmentos da universidade: nossos estudantes,

técnicos, professores e também nossos terceirizados".

A chapa foi acompanhada de apoiadores até o auditório do CCMN onde ocorreram as inscrições. Entre eles, integrantes da ASP UFRJ e decanos do CT, CCMN e CCS, professores Walter Suemitsu, Cabral Melo Lima e Luiz Eurico Nasciutti.

As 14h, foi a vez de apoiadores da Chapa 20 "Redesenhando a UFRJ: Democracia, Autonomia e Diversidade", aguardarem os professores Vantuil Pereira, associado do NEPP-DH, candidato a reitor, e a professora, Katya Gualter, associada da Escola de Educação Física e Desportos, candidata a vice-reitora. O grupo, de oposição à atual gestão da UFRJ, realizou um ato em frente ao CCMN em referência à data, já que 21 de março foi o Dia Internacional contra a Discriminação Racial. De braços dados, docentes, estuantes e técnicos entoaram cânticos do movimento ne-

gro enquanto se dirigiam ao local da inscrição.

Entre os apoiadores, estavam integrantes do DCE Mario Prata, do Coletivo de Docentes Negros e Negras e decano do CFCH, professor Paulo César Castro.

"É um momento muito importante para nós, comunidade universitária, coletivos negros, corpos historicamente desmembrados", disse a professora Katya Gualter.

O professor Vantuil Pereira complementou: "Hoje começa uma nova história na UFRJ. Esta é uma chapa que pela primeira vez reúne dois docentes pretos", assinalou o candidato a reitor. "Que possamos terminar essa campanha com o sentimento do dever cumprido".

O primeiro debate entre as chapas acontece no dia 5 de abril, no auditório Roxinho, do CCMN. As eleições serão realizadas nos dias 25, 26 e 27 de abril. A apuração dos votos é no dia 28.



ENTREVISTA CHAPA 10 "UFRJ PARA TODOS: AUTONOMIA, INCLUSÃO E INOVAÇÃO"

■ **Jornal da Adufrj - Por que decidiram se candidatar aos cargos?**

● **Roberto Medronho** - Os últimos anos foram terríveis. Tivemos um governo que foi contrário à ciência e às universidades. Durante a pandemia, eu tive a honra de presidir o GT Coronavírus e a professora Cássia teve uma atuação excepcional. Graças a ela não faltou álcool nos nossos hospitais e para a nossa UFRJ. Reconhecendo agora a nova situação, em que o governo federal está atento às universidades, nós nos sentimos preparados, com nossa larga experiência em gestão, para que a universidade possa contribuir com a reconstrução do país e com o enfrentamento vigoroso das desigualdades sociais e de qualquer forma de discriminação. Temos o compromisso de devolver à sociedade o que ela investiu em nossa formação e na nossa universidade.

■ **Jornal da Adufrj - Quais os principais desafios?**

● **Medronho** - A permanência dos alunos que chegam pelas cotas é um deles. É fundamental que a gente tenha um aprimoramento ainda maior da assistência estudantil. Mas assistência estudantil não é só bolsa. É acolhimento. Queremos formar todos os alunos, mas os cotistas são fundamentais porque vão transformar a vida da comunidade de onde

vieram. Na área da pesquisa, precisamos de incentivo e troca entre todos os programas, com atuação multidisciplinar. Também queremos que os programas de conceitos 6 e 7 consigam fazer intercâmbios com outros programas que precisam aumentar sua avaliação na Capes. Precisamos também aumentar nossas ações na extensão. Muitos dos conhecimentos produzidos aqui demoram até serem incorporados na sociedade. Sobre os hospitais, precisamos repor o número de pessoal. Daremos atenção especial aos nossos HUs. Nossa missão é atuar no SUS, mas também nos preocupamos com a saúde dos trabalhadores. Temos propostas para atuação sobretudo na área de saúde mental dos servidores.

■ **Jornal da Adufrj - E os objetivos?**

● **Cássia Turci** - O nome da nossa chapa resume o que queremos: uma universidade para todos. Nosso objetivo final é ter uma formação forte e sólida dos nossos estudantes e isso se faz também trabalhando a empatia. Temos estudantes de todos os estados. A infraestrutura precisa corresponder às expectativas desses alunos que muitas vezes não têm como se manter no Rio de Janeiro. A gente precisa ampliar o atendimento psicológico e criar disciplinas que desenvolvam habilidades emocionais nos alunos.

ENTREVISTA CHAPA 20 "REDESENHANDO A UFRJ: DEMOCRACIA, AUTONOMIA E DIVERSIDADE"

■ **Jornal da Adufrj - Por que decidiram se candidatar aos cargos?**

● **Vantuil Pereira** - A gente entende que há a necessidade de se voltar para alguns aspectos internos que é a democratização dos conselhos superiores, para garantir um diálogo maior com os estudantes, com os técnicos, para ter um novo tipo de diálogo com os docentes. Queremos buscar uma política de interiorização mais profunda com Macaé e Caxias e garantir a autonomia universitária, no sentido de ter uma instituição menos aberta à privatizações, garantir que a universidade seja o espaço da crítica, da reflexão. A diversidade expressa a necessidade de garantir a inclusão de amplos setores que ainda não participam de políticas públicas de cotas, como quilombolas e pessoas trans, além de fortalecer a presença de segmentos que já estão na universidade.

■ **Jornal da Adufrj - Quais os principais desafios?**

● **Vantuil Pereira** - O primeiro é retomar o lugar da UFRJ na agenda nacional, com uma perspectiva de soberania e de contribuir com o debate nacional. Cito, por exemplo, a questão dos ianomâms. Nós poderíamos ter contribuído, oferecido os nossos serviços. A universidade tem um campo da saúde muito forte, tem a

antropologia, que pensa criticamente esses espaços. Mas também em meio ambiente, cidades, tecnologia. A gente tem muito a contribuir com a reconstrução do Brasil, não só no campo da educação. E no cenário interno, voltar a cuidar da infraestrutura da instituição, que foi muito destruída, voltar a cuidar de estudantes, técnicos, docentes e terceirizados. Nosso grande desafio é ao final dos quatro anos trazer um novo modelo de gestão democrático, participativo. Queremos que os aspectos da saúde, da tecnologia, da inovação se voltem para as amplas parcelas da população e, para isso, a universidade precisa se encher de povo. Essa é a nossa referência de que universidade queremos construir.

■ **Jornal da Adufrj - E os objetivos?**

● **Katya Gualter** - Se a gente fala que precisa horizontalizar a participação dos diferentes segmentos — e a gente pensa em como inserir os terceirizados nessa discussão — a gente precisa reunir esses corpos diversos para efetivamente criar políticas. Não adianta falar da diversidade e se fechar para a escuta. É preciso dar protagonismo a esses corpos diversos que, inclusive, pensam diferente de nós. Nossa gestão será dialógica, de forma que todo processo seja o mais participativo e amplo possível.



FOTOS: FERNANDO SOUZA

ADUFRJ AMPLIA ELO ENTRE ACADEMIA E PARLAMENTO

> Café da manhã promovido pelo sindicato reúne professores e deputados estaduais e federais fluminenses eleitos em 2022. Parlamentares enaltecem contribuição da UFRJ às políticas públicas

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Para aproximar a UFRJ da população, mostrando os seus feitos e o trabalho realizado pelas centenas de professores da universidade, a AdUFRJ organizou um café da manhã com os parlamentares do Rio de Janeiro, representantes eleitos em outubro para a Assembleia Legislativa e para a Câmara dos Deputados. O encontro aconteceu na última sexta-feira (20) no Fórum de Ciência e Cultura, e contou com a participação de dezenas de professores e deputados federais e estaduais, ou assessores enviados pelos parlamentares. “Além das formas de luta tradicionais, nas ruas e na mídia, nosso sindicato entende que é preciso atuar em novas frentes, indo além daquela postura meramente reativa e denunciata

que muitas vezes os sindicatos assumem e buscando fazer um processo de recuperação da confiança da sociedade na universidade e nos professores”, explicou a vice-presidente da AdUFRJ, Mayra Goulart, na abertura do evento. “O objetivo dessa iniciativa é incidir nos espaços de poder, aumentando a sinergia da universidade com os tomadores de decisão. Nossa função aqui é ser representantes das demandas da comunidade acadêmica junto aos tomadores de decisão”, concluiu a professora.

GRANDE NOTÍCIA

Mais de 40 professores e 19 parlamentares (pessoalmente ou representados por assessores) participaram do evento. E se um dos objetivos do café da manhã era apresentar a atuação da universidade aos legisladores, a professora Leda Castilho, coordenadora do Laboratório de Engenharia de Cultivos Celulares (LECC) da Coppe trouxe, em primeira mão, uma grande

notícia: a vacina contra covid-19 desenvolvida pela UFRJ vai entrar em fase de testes clínicos. O anúncio foi aplaudido efusivamente pelo público.

Na fala de alguns parlamentares surgiram exemplos da importância da UFRJ para a sociedade. Carlos Minc (PSB) lembrou que, quando foi secretário estadual de Meio Ambiente, a secretaria criou um fundo verde, ideia que partiu da universidade. “Foi uma ideia que funcionou. Parte do ICMS arrecadado no setor de energia viabiliza projetos sustentáveis”, contou. Ele também lembrou leis que foram propostas e fundamentadas por professores da UFRJ, como a que aboliu das refinarias o uso do chumbo na produção, e a que proibiu o mercúrio na fabricação de cloreto de soda. “Sempre que falo dessas leis acredito à UFRJ. Quem deu a fundamentação foram as áreas de Saúde e de Tecnologia da universidade. Temos que aproveitar esse potencial imenso da UFRJ, mas também creditar,

para estimular esse intercâmbio”, disse Minc.

A deputada Renata Souza usou a sua experiência pessoal para tratar da importância da UFRJ. Criada na Maré, na infância ela contraiu hepatite na água contaminada que chegava à torneira da sua casa, e foi tratada no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. “Eu estou viva também por causa da UFRJ. Não estou falando isso por acaso, mas para ressaltar a dimensão que é morar ao lado de uma universidade onde a produção de conhecimento constrói também a possibilidade de termos vida”, disse a deputada. Renata Souza defendeu uma “radicalização do processo de democratização do acesso ao ensino”, propondo que haja a expansão dos colégios de aplicação das universidades, com unidades em áreas de baixo IDH.

“Senhores parlamentares, aproveitem esta fantástica competência científica instalada no estado do Rio de Janeiro”. A con-

vocação foi feita pelo professor Luiz Davidovich, ex-presidente da Academia Brasileira de Ciências. “Aproveitem não só para o estado do Rio, mas para o Brasil”. Davidovich ressaltou que os professores querem cooperar com o parlamento. “Estamos prontos para ajudar a formular políticas públicas para o estado e para o país”, disse.

Para a professora Mayra Goulart o encontro foi bem-sucedido. “Os professores puderam falar aqui como o seu trabalho na UFRJ impacta positivamente a sociedade. A diretoria da AdUFRJ compreende a importância de novas formas de luta para além das pressões através de greve e da mídia tradicional. E dentre essas novas formas de luta está a sensibilização dos parlamentares em prol dos interesses da universidade. A AdUFRJ está comprometida com essa luta que sensibiliza a sociedade civil e seus representantes, para que essa sinergia esteja azeitada”, disse a professora.



DÉBORA FOGEL
Professora da UFRJ

Acho que muitos de nós sempre ansiamos por esse tipo de encontro entre a universidade e o Poder Legislativo ou o Poder Executivo. Sou professora de Bioquímica e gostaria de falar sobre o meu centro, o Centro de Ciências da Saúde, e dar, através dele, um exemplo da excelência do que acumulamos. Duvido que haja em alguma outra universidade do país uma concentração tão grande

de programas de pós-graduação com um grau de excelência como aquele que a Capes nos avalia. É impressionante e isso se reproduz em outros centros da UFRJ. Durante a pandemia, a criação do Centro de Triagem, tão importante, que não só criou e fez testes de covid-19 para a comunidade universitária, mas também para todos os profissionais da saúde do estado. Eu queria agradecer pela possibilidade de estar aqui com muitos pequenos exemplos da nossa excelência. Contem com a nossa expertise. É uma enorme honra para um professor universitário ser convocado para ajudar a sua comunidade”.



DANI BALBI
Deputada estadual (PSOL)

Sempre que eu retorno à UFRJ eu me sinto em casa, isso não é demagogia. Acho que resgato o fato de ter nascido na universidade, por conta da minha mãe ser servidora de muitos anos, e ter continuado na universidade. É um lugar em que eu me sinto muito à vontade. Fico muito honrada em poder, agora através do mandato, devolver à UFRJ aquilo que ela entregou a pessoas como eu. E continuar nessa jornada de fazer com que o poder público invista cada vez mais na universidade, pensando a importância dela para a formação de pessoas mais vulneráveis, mas também no debate mais amplo de desenvolvimento econômico regional, de robustecimento da economia, um debate que a universidade faz tão brilhantemente através das pesquisas em diversas áreas”.



DELEGADA MARTHA ROCHA
Deputada estadual (PDT)

Sou ex-aluna da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ. Quando eu entrei hoje aqui, me lembrei da importância da UFRJ na militância pelos direitos humanos. Não temos nenhuma dúvida da importância dos trabalhos desenvolvidos pela universidade, que podem fazer esse link com a garantia dos direitos e da democracia. E quero falar, como parlamentar e presidente regional do meu partido, que não há para nós tema mais sensível que o da Educação”.



RENATA SOUZA
Deputada Estadual (PSOL)

Quando criança, eu tive hepatite, e me tratei no hospital universitário da UFRJ. Eu estive viva também por causa da UFRJ. Não estou falando isso por acaso, mas para ressaltar a dimensão que é morar ao lado de uma universidade onde a produção de conhecimento constrói também a possibilidade de termos vida. Precisamos trabalhar pela radicalização do

processo de democratização do acesso ao ensino. Por isso é importante fazermos um debate sobre termos colégios de aplicação em áreas de baixo IDH no Rio de Janeiro. Tenho certeza de que se houvesse um CAP da UFRJ na Maré, minha história, de nascida na Maré que fez mestrado e doutorado na UFRJ, não seria uma exceção, mas uma entre muitas outras histórias. Por isso faço essa provocação para que tenhamos um debate franco sobre a possibilidade dos colégios de aplicação terem unidades dentro de territórios de favela e periferia com baixo desenvolvimento humano”.



LUIZ DAVIDOVICH
Professor da UFRJ e ex-presidente da ABC

Senhores parlamentares, aproveitem esta fantástica competência científica instalada no estado do Rio de Janeiro. Aproveitem não só para o estado do Rio, mas para o Brasil. É essencial essa comunicação entre

a Academia e o Parlamento, e também entre a Academia e o Poder Executivo. Deve ser uma colaboração frequente justamente para o país, para a sociedade brasileira, para aumentar a qualidade de vida da população. Há dois anos, a ABC, a SBPC e a Academia Brasileira de Letras eram presididas pela UFRJ. Isso mostra que a nossa universidade tem um papel muito importante nessa colaboração, e isso foi feito hoje aqui”.



Novo Ensino Médio é alvo de protestos por todo o país

> Reforma imposta por uma medida provisória no governo Temer entra em seu segundo ano de implantação gradual cercada por críticas. Alunos, professores e entidades defendem revogação

IGOR VIEIRA
comunica@adufRJ.org.br

Em meio à euforia com as primeiras medidas do novo governo Lula, com ações em várias áreas — inimagináveis no período de trevas de Jair Bolsonaro —, não é incomum perder de vista que a reforma do Ensino Médio está em vigor. Ela foi instituída no governo Michel Temer, por meio da Medida Provisória 746, e o primeiro ciclo de implantação gradual começou no ano passado e vai até 2024. Mas cresce um movimento pela revogação da medida.

Para o professor Roberto Leher, ex-reitor da UFRJ e especialista em Educação, a reforma teve um erro de origem. “Ela foi instaurada após o golpe de 2016 (quer levou ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff) por meio de uma medida provisória. O que é uma impropriedade. Um tema como a reforma do Ensino Médio não pode ser objeto de medida provisória”, diz Leher.

Segundo o professor, a reforma carece de conteúdo. “O conceito geral dos empresários é de que o país vai precisar apenas de trabalho simples, de técnicos, com uma formação mais utili-

tarista e pouca fundamentação científica e tecnológica. A reforma trabalha com conceitos geratinosos e sem uma formação humana, que prepare os jovens para o século XXI”, argumenta.

O ex-reitor sustenta que faltou diálogo para a elaboração da proposta e defende a revogação da MP. “A reforma do Ensino Médio caminha junto com a nova Base Nacional Comum Curricular, também apresentada no governo Temer. Ela inclui técnicas de como fazer brigadeiros, e não um processo formativo de maior complexidade. É um ataque à cidadania. Não há uma proposta verdadeira de diálogo com universidades, empresários, movimentos sociais e estudantis”.

Leher considera a educação fundamental para o jovem: “Temos que abrir os horizontes dos estudantes para que, ao terminarem o EM, façam escolhas consolidadas. Por exemplo, defendo que o jovem tenha uma educação artística geral, mas não significa que todos serão artistas. Também devem saber sobre as questões ambientais atuais, a matriz energética, a economia em crise. O Novo Ensino Médio não coloca os jovens no século XXI”.

A reforma é um debate complexo, que tem diversos pontos de vista. Professora da Faculdade de Educação e diretora da

AdUFRJ, Ana Lúcia Fernandes considera que as críticas são válidas, mas faz algumas ponderações: “Há estados que estão na metade da implementação do ciclo 2022-2024. Revogar significa interromper esse processo em curso e entrar em um vazio legal, ou voltar para o que era antes, que também não era bom”, pontua.

“É verdade que a carga horária foi aumentada em escolas que têm pouca infraestrutura, e existem muitos exemplos de oferta de matérias esdrúxulas e fora do contexto escolar. Porém, há circunstâncias não devem servir para condenar uma tentativa de mudança em curso, mas sim para fomentar um aprofundamento da reflexão sobre a grade curricular”, complementa a professora.

Ana Lúcia vê um aspecto positivo na reforma: “A possibilidade de os estudantes estabelecerem seus projetos de vida, pensando nas suas trajetórias de forma autônoma e diversificada, é algo inédito no país. Em termos de extensão territorial e diversidade cultural, será mesmo que tudo tem que ser igual?”, observa.

PROTESTOS

O Novo Ensino Médio vem sendo alvo de manifestações em todo país. Na quarta-feira (22), professores, alunos e mo-

vimentos sociais se reuniram em frente ao MASP, na capital paulista, para exigir a revogação da reforma. Os manifestantes chegaram a bloquear a Avenida Paulista. As primeiras manifestações ocorreram em 15 de março, convocadas por entidades estudantis como a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES).

No Rio, a Cinelândia foi o palco de uma grande manifestação no dia 15. Ao lado de professores e de entidades sindicais, estudantes de escolas públicas como o Colégio Pedro II e a Faetec protestaram diante da Secretaria de Educação do estado e ocuparam as escadarias da Assembleia Legislativa (Alerj).

O professor Jaber Câmara, que ensina Filosofia na rede pública estadual, constatou a piora do ensino com o Novo Ensino Médio. “Na rede privada, as aulas eletivas estão acontecendo no contraturno. Já na rede pública, muitos estudantes têm que trabalhar à tarde porque não podem permanecer apenas na escola”.

Lucas Peruzzi, coordenador do DCE Mário Prata da UFRJ, seguiu a mesma linha de Jamilly: “Muitos dos universitários, futuramente, estarão licenciados para dar aula nessas escolas que estão cada vez mais sucateadas. A reforma foi pensada para atender grandes empresários e bancos, e não uma educação gratuita e de qualidade”.

Não adianta reformar o modelo se a estrutura continua sucateada”, disse Jaber.

REVOGAÇÃO

A estudante Vivian Werneck, representante do grêmio da Faetec, deu seu relato: “Temos matérias com nomes vagos, como ‘Projeto de Vida’, em que conversamos sobre questões pessoais que não são pauta para sala de aula. Os professores que dão a matéria não estão preparados, pois antes ensinavam outros assuntos, bem mais importantes”. Ela pede a revogação do que vê como “uma elitização do ensino”.

Ex-presidente do grêmio do Colégio Pedro II de Realengo, Jamilly Roberta, que acabou de se formar, foi apoiado por ter uma educação de excelência e libertadora. A reforma ainda não nos afetou, mas caso continue, vai substituir a educação de qualidade por uma educação de lógica neoliberal”, destacou.

O professor Ricardo Gonçalves, aluno de licenciatura em Matemática da UFRJ, tem experiência de causa: “Sempre trabalhei como gari da Comlurb, mas só aos 38 anos fui estudar. Nunca tive alguém para me dar esse conselho. Em 2019, uma

#OrgulhoDeSerUFRJ

Projeto leva conhecimento a jovens, adultos e idosos

> Alunos de 15 a 75 anos de fora da universidade têm aulas de Matemática e Português, com direito a lições de Literatura e Redação, em curso aberto a pessoas de todas as origens e idades

IGOR VIEIRA
comunica@adufRJ.org.br

Alunos de 15 a 75 anos estão estudando Matemática na Coppe para aprender que idade é só mais um número,

Português para escrever suas histórias e Literatura para conhecer as lições de vida contidas dos livros. Levar conhecimento a pessoas de fora da universidade é o objetivo do projeto de extensão Letramento de Jovens, Adultos e Idosos, do Núcleo Interdisciplinar para Desenvolvimento Social (NIDES), órgão suplementar do Centro de Tecnologia da UFRJ. As aulas são ministradas para pessoas de idade e origem diversas por alunos de licenciatura da UFRJ de Letras e Matemática, na melhor tradição da educação humanizadora do mestre Paulo Freire.

A coordenadora do projeto é a professora Denise Freire, pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa (PR2). “O projeto começou em 2005, ao notar que muitos servidores da UFRJ, naquela época, não eram alfabetizados. Mas o projeto é aberto para todos. Por conta da proximidade, muitos alunos são moradores da Ilha do Fundão”. Segunda ela, os alunos são de todos os níveis, alfabetizados ou não. “Basta ter vontade de estar aqui”, contou Denise, que assumiu a coordenação em 2020.

São três ciclos — básico, intermediário e avançado —, cada um com nove meses de duração. Além das aulas de alfabetização, há também aulas de Matemática e Português. Em Português, os alunos têm lições de Literatura e Redação e aprendem desde identificar um texto poético até redigir textos.

Os alunos da UFRJ comandados por Denise confessam o desejo de que os matriculados no projeto retomem o ensino formal e prestem a prova do ENCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos). Para isso, a pró-reitora disse que em breve o projeto terá professores de Ciências, História, Geografia e Informática.

O professor Ricardo Gonçalves, aluno de licenciatura em Matemática da UFRJ, tem experiência de causa: “Sempre trabalhei como gari da Comlurb, mas só aos 38 anos fui estudar. Nunca tive alguém para me dar esse conselho. Em 2019, uma



FOTOS: IGOR VIEIRA



“Além do meu pai, meu filho e minha irmã, muitos familiares também trabalharam na UFRJ. É geracional na minha família”

SEBASTIÃO FELIZARDO, 75 ANOS
Aluno do projeto de extensão

pessoa me falou para concluir o Segundo Grau, já que não consegui o diploma de onde eu tinha cursado por conta de problemas da escola com o MEC”. Ele estudou em uma escola estadual em Bangu, perto de onde mora.

Ricardo se reconheceu nos professores da escola: “Eles me perguntaram qual o meu sonho. Eu falei que é estar em uma sala de aula, ensinando. Sempre gostei de Matemática, mas achava que já era tarde. Eles falaram: ‘Ricardo, foca em você, não importa se vai chegar lá com 50 ou 60, o importante é chegar’”.

Ele passou para Matemática no Enem em uma boa colocação.

Quem também se encontrou no projeto foi Natália de Souza, do quarto semestre da licenciatura em Português: “Uma aluna me marcou muito, Dona Ednea, de 50 anos. Ela passou por diversas situações na vida dela, muitas perdas, mas sempre estava presente e participando da aula. Aprendo com a história de vida deles. Procurei o projeto porque me interessei pela oportunidade de lecionar. A extensão está sendo muito importante na minha vida, pessoal e profissional. Consegui encontrar meu caminho e meu ofício, e entendo quem sou no aprendizado da educação”. Natália ensina uma turma diversa, com alunas como Monique e Kaylanne Costa, com 21 e 17 anos, e Sebastião Felizardo e Maria de Fátima, na casa dos 70 anos. Todos estão no ciclo intermediário.

Sebastião, de 75 anos, conhecido como “Seu Tião”, já prestou o ENCEJA duas vezes: “Meu objetivo é tirar o diploma. Reprovei só em Matemática, mas estou aprendendo muito no Letramento”, confessou Sebastião, que é servidor da UFRJ e trouxe sua vizinha Maria de Fátima, de 70 anos, moradora da ilha.

Seu Tião contou que já fez o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) da UFRJ: “Boa parte da minha família, com meu pai e minha irmã, foram servidores da UFRJ. Eu trabalho na universidade há 44 anos, na portaria da Escola de Química, no bloco H. Antes, o servidor aqui não podia nada, mas hoje está me-



“Gosto daqui e dos professores, que explicam direitinho. Quero terminar os estudos e prestar o ENCEJA”

KAYLANNE COSTA, 17 ANOS
Aluna do projeto de extensão

lhorando”. Kaylanne afirmou gostar do projeto: “Tive que sair da escola quando me mudei para a vila. Aqui não é como a escola, em que o assunto é dado e, mesmo se você não entendeu, já tem um próximo assunto. Aqui, os professores são muito pacientes”.

Monique concordou com Kaylanne: “Hoje já consigo ler placas, ônibus, coisas no celular, na televisão”, disse. Monique quer prestar o ENCEJA e depois fazer um curso para trabalhar com Informática. O projeto acredita na escuta

e na troca dos professores com os alunos, trabalhando com um “tema gerador”, discutido durante o ano e escolhido por eles no início de cada ciclo, decidido pelos estudantes em reunião. Este ano o tema é “violência”, presente de diferentes formas no cotidiano de cada um.

ETARISMO

O caso das três jovens de 20 anos de um curso de Biomedicina de uma faculdade particular em São Paulo, debochando de uma aluna mais velha, ainda está se desdobrando. Elas divulgaram um vídeo em suas redes sociais filmando a colega Patrícia Linhares, de 45 anos, sem seu consentimento, e debochando com frases como “ela tem 40 anos, já deveria estar aposentada”. Foi formada uma rede de apoio para Patrícia e as agressoras desistiram do curso, após a repercussão do caso.

O professor Ricardo também sofreu etarismo: “Meu chefe na Comlurb falou para eu esquecer isso de estudar. Na fila de matrícula na UFRJ, estava com uniforme de gari. A mãe de um aluno perguntou se eu estava matriculando meu filho com uniforme de gari. A mãe de um aluno perguntou se eu estava matriculando meu filho e disse ‘mas será que você vai conseguir? É longe e cansativo’. Respondi que dormir 1h e acordar às 5h, trabalhar e depois estudar para realizar meu sonho. Ensinar no Projeto Letramento tem sido uma coisa de Deus”, disse Ricardo. E dá um recado final: “Não pensem que é tarde. O importante é o que vão fazer da vida de vocês daqui para frente”.



Exposição mostra dilemas da Baía de Guanabara

> Mostra realizada pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ aborda impactos das mudanças climáticas em um dos principais ecossistemas da cidade do Rio de Janeiro e aponta caminhos

MILENE GABRIELA
comunica@adufrrj.org.br

Estamos unidos e organizados para enfrentar as mudanças climáticas? Essa é uma das perguntas que norteiam a exposição “Futuros da Baía de Guanabara: inovação e democracia climática”. A exposição é realizada pelo Fórum da Ciência e Cultura (FCC) da UFRJ e promove uma experiência imersiva e interativa. O intuito é mostrar de que forma a mudança do clima afeta, hoje e no futuro, o entorno da Baía de Guanabara: as pessoas, as atividades produtivas e a biodiversidade das cidades e locais, como a Ilha do Fundão.

Na área externa do FCC há uma mostra da fauna marinha da região, com aproximadamente 20 espécies de animais invertebrados e vertebrados, que pertencem à coleção do Museu Nacional da UFRJ.

Já a exposição interna é dividida em três etapas. Na primeira, a sala das perguntas é um espaço interativo com aproximadamente trinta questionamentos sobre mudanças climáticas. O visitante escolhe alguma pergunta para debater com o mediador do evento. O objetivo é estimular o público a pensar em soluções para os efeitos da mudança que afeta um dos principais cartões postais da cidade do Rio de Janeiro.

A segunda etapa exibe um filme sobre a Baía de Guanabara. O curta apresenta o dia a dia do ecossistema e seu entorno, com ênfase nos desafios impostos pelas mudanças climáticas para o ambiente e para a sociedade. O filme exibe, ainda, resultados de pesquisas realizadas sobre o tema. A sessão dura nove minutos, com espaço para doze pessoas por sessão, incluindo dois cadeirantes.

Já a terceira e última etapa é formada pela sala das escolhas, que aborda como as decisões políticas e o modelo econô-



mico atual impactam o futuro. O espaço também mostra o papel da Ciência e das pesquisas da UFRJ. Conta com um mural das iniciativas, que são dois mapas interativos expandidos das regiões do estado do Rio de Janeiro. Se o visitante conhecer ações locais de determinadas regiões do mapa que combatem as mudanças climáticas, pode escrever no papel disponibilizado na sala como a ação contribui para um clima mais estável. Caso não conheça nenhuma, é possível sugerir uma ação na cidade.

“A Baía resiste e nós precisamos ajudar”, disse a professora Denise Freire, pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, que visitou a exposição. Levantamento feito pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) mostra que, por dia, são despejadas 98 toneladas de lixo na baía. Por conta do grande número de resíduos de lixo, apenas 12% da baía é utilizada para pesca, afetando diretamente mais de cinco mil pescadores que vivem na região.

A abertura da exibição aconteceu no dia 21, mas era planejada desde 2019 pela professora Tatiana Roque, então coordenadora do FCC. Tatiana é secre-

tária municipal de Ciência e Tecnologia e afirma que quando assumiu o fórum, na época, a sensibilização para a questão das mudanças climáticas era uma das suas preocupações. “Por que falar dos entornos e futuros da Baía de Guanabara?”, questionou Tatiana. “Porque é uma das maneiras que temos de fazer divulgação científica, que não se separa da sensibilização climática, do engajamento e do ativismo. É tornar sensíveis os problemas climáticos que são resultados globais”, explicou a professora.

Jerson Lima, presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), concorda com Tatiana ao afirmar que por causa das mudanças climáticas os eventos extremos, tanto de chuvas quanto de secas, estão acontecendo com cada vez mais frequência e são mais intensos. E defendeu um maior diálogo entre as instituições científicas e a sociedade como forma de combater o que chamou de “negacionismo climático”.

A professora Christine Ruta, bióloga e coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, falou sobre a sensibilização do público. “A nossa exposição, além de dis-



cutir questões de democracia climática, mostra a inovação da nossa universidade, que de alguma maneira contribui para minimizar esse problema que já nos assola”, disse.

A região da Baía de Guanabara é cercada pelos municípios do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Magé, Guapimirim, Itaboraí, São Gonçalo e Niterói. “A gente tem uma biodiversidade incrível, que constantemente vem diminuindo sua população, mas ao mesmo tempo vem se mantendo viva. É preciso manter esse farol de esperança para a Baía de Guanabara”, afirmou o curador da exposição, Leonardo Menezes.

A exposição acontece de 21 de março a 14 de maio, de terça a sábado, das 9h às 20h; domingos e feriados das 10h às 16h, na Casa da Ciência da UFRJ, em Botafogo. A entrada é gratuita e aberta ao público de todas as idades. Também serão realizadas atividades como oficinas infanto-juvenis, debates com estudantes universitários, rodas de conversas, palestras com acadêmicos, gestores públicos e lideranças comunitárias, lançamento de livros, apresentações artísticas e culturais e gravações de podcasts ao vivo.